

“CASO HEIDEGGER”:

UM NOVO CAPÍTULO PÓS-CADERNOS NEGROS?

Domenique Soler Rodrigues

O propósito deste projeto vem de uma necessidade de se pronunciar sobre o longo debate acerca do considerado um dos maiores pensadores do século XX, Martin Heidegger (1889-1976) e sua relação com o nazismo. Justamente por sua influência e notoriedade ganhou o status de um dos mais polêmicos pensadores graças ao seu envolvimento com o partido nazista, tendo inclusive este sido designado como o “Caso Heidegger”.

O filósofo alemão, criado por uma família envolvida diretamente com a igreja e sua manutenção, teve sua preocupação religiosa precoce e seu interesse despertado para a filosofia ainda no começo de seus estudos, através da leitura do filósofo católico do final do século XIX Franz Brentano (1838-1917). As leituras de suas obras chamaram atenção para a problemática de *Von der mannigfachen Bedeutung des Seienden nach Aristoteles* ("Dos vários significados do Ser de acordo com Aristóteles" - 1862), sendo visto como um dos pontos da procedência do seu interesse pelos gregos. Heidegger com sua crença religiosa acabou se decidindo a entrar para a ordem jesuíta, porém com o passar de sua relação com a filosofia o autor começou a se chocar com sua religiosidade e abandonar a ordem. Além da sua influência direta dada pela religião e pela a filosofia grega o pensador teve seu orientador e mentor Edmund Husserl (1859-1938) como uma de suas principais influências para interesse no pensamento do ser; O também filósofo alemão Husserl, que apesar de ter sido batizado em uma igreja luterana tem sua origem judia, foi fortemente influenciado pelo trabalho de São Tomás de Aquino (1225-74) e conhecido com o pai da fenomenologia.

Os estudos de Heidegger começam então a seguir o caminho que resultaria em uma das principais obras da ontologia, *Ser e tempo*. Tendo contato com a filosofia de seu orientador e de outros grandes pensadores como Kierkegaard (1813-1855), Friedrich Nietzsche (1844-1900), Wilhelm Dilthey (1833-1911) e Heinrich Rickert (1863-1936) o pensador se dedicou a trabalhar a questão fundamental da metafísica ocidental, a questão do ser.

Na tradição filosófica a base do conhecimento vinha da seguinte dicotomia: a relação sujeito-objeto. Para isso o homem cunha que algo deve ser sem buscar refletir sobre o que é “ser”. Como algo a priori, o “ser” é o *conceito mais universal e o mais vazio*¹. O ser não pode ser definido ou explicado por conceitos inferiores. Sendo concluído por ele que o ser não é um ente² e não

deve ser constituído de um. Heidegger traz então o questionamento que o homem está de certa forma jogado no mundo “sendo aí”, “estando aí”, um “ser no mundo” (possíveis traduções do *Dasein*, termo criado pelo autor³) constantemente estando à parte das coisas, mas podendo em algum momento se dedicar a coisas e até mesmo ser absorvido por elas (*Aufgehen in*), se preocupando com questões superficiais e estando numa espécie de alienação de si, sendo uma estrutura comum que foi denominada pelo autor como *Das man*. Para o filósofo o ser não se encontra então como algo abstrato, alheio as pesquisas, mas como um fundamento que deveríamos partir para absorver qualquer conhecimento. Trata-se de *remeter todo conhecimento ôntico concreto a seu fundamento ontológico*⁴.

Sua obra fez com que o autor se tornasse um autor fundamental para a filosofia e para o próprio estudo da temporalidade, tendo numerosos comentadores relevantes e obras a respeito de seus conceitos e questões. Porém, para além de sua obra, uma grande discussão se formou sobre o autor: sua relação com o nazismo.

Em maio de 1933 Heidegger tomou posse do cargo de reitor da Universidade de Freiburg, o que não seria um ponto tão marcante se neste mesmo ano Adolf Hitler não tivesse se tornado Chanceler do Reich. Ao subir ao poder como reitor o autor deveria se adequar as diretrizes do partido. Esperava-se do reitor o apoio a “Revolução nacional”. Heidegger renunciou ao cargo no início do próximo ano, tendo ficado 10 meses no cargo, porém sua atitude não passaria em branco nos debates filosóficos.

Seu próprio discurso⁵ de posse geraria uma série de debates após o choque geral com a decisão do filósofo. Um numeroso grupo de seus contemporâneos acreditava que Heidegger não estaria ali aderindo à ideologia do partido, mas pensando que poderia garantir a autonomia da Universidade no período. Houveram tentativas de buscar no próprio discurso as provas que Heidegger recusaria a filosofia do partido e sim estaria ali buscando defender a Universidade, alegando que a ideia de autonomia dita por ele no discurso não estaria de acordo com a ideologia nazista, já que em base ao novo partido a

¹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, Partes I e II. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005. Pág. 27.

² HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, Partes I e II. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005. Pág. 29.

³ Havendo uma ressalva em usar termos das ciências sociais o autor sentiu a necessidade de cunhar novos termos sendo responsável por criar novas etimologias tanto no alemão tanto no grego, o que dificulta o entendimento de sua filosofia e faz necessário então haver uma tradução de seus termos chave.

⁴ ERBER, Pedro Rabelo. *Política e Verdade no pensamento de Martin Heidegger* / Tedro Rabelo Erber. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo : Loyola, 2003.

⁵ *A auto-afirmação da universidade alemã (Die Selbstbehauptung der Deutsche Universität)* é o nome dado ao discurso de Heidegger.

Universidade deveria se submeter ao melhor para a sociedade, logo, para o partido. Porém as querelas contra a decisão do filósofo cresceram substancialmente nos próximos anos. Pedro Rabelo, em sua tese sobre o pensamento político de Heidegger⁶, fez um levantamento sobre os principais debates até o final dos anos 90 de onde podemos destacar alguns de seus pontos:

Em 1946, Kärl Lowith (1897-1973), filósofo alemão que fora aluno de Husserl e Heidegger publicou na revista *Les temps modernes*, editada por Jean-Paul Sartre, um artigo escrito em 1939 comentando a ambiguidade do discurso de Heidegger, não sabendo qual teria sido sua real intenção. Seu artigo iniciou uma discussão sobre nos próximos editoriais da revista, porém sem materiais para aprofundar na questão aliado a um “desinteresse” dos franceses em admitir um dos principais influenciadores da época como possivelmente nazista fez esfriar o debate.

Já na Alemanha pós-nazismo, em 1953 se inicia o debate após o artigo de Jürgen Habermas, então estudante de filosofia que se tornaria um dos grandes nomes da filosofia, em um dos principais jornais da época: o *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, onde publicaria um curso de verão⁷, dado em 1935, por Heidegger. A publicação fomentou uma série de argumentações entre Christian Lewalter, Egon Vietta e Karl Korn.

Em 1965 um livro clássico sobre o pensamento político de Heidegger foi lançado pelo cientista político alemão Alexander Schwann (1931-1989): *Filosofia política no pensamento de Martin Heidegger* que buscou fugir do discurso de Heidegger e se aprofundou em buscar o debate dentro da própria filosofia do autor. Já em 1972, outro livro é lançado relacionando o posicionamento político do autor por Otto Pöggeler (1928-2014): *Filosofia e política em Heidegger*. O autor por obter acesso a textos que até então não foram analisados por outros comentadores, trouxe ao conhecimento público as críticas do filósofo aos teóricos do nacional-socialismo em sua explanação sobre *Os hinos de Hölderlin “Germânia” e “o Reno”*.

Até então as publicações alemãs a respeito do debate seguiam uma linha de afastamento do filósofo alemão e sua filosofia da ideologia do partido nazista, buscando argumentações que pudessem explicar sua atitude complexa em aderir ao movimento. No cenário francês por outro lado, uma publicação em 1975 de Pierre Bourdieu (1930-2002) começa a trazer um novo ponto de vista para o debate. Com sua obra *A ontologia política de Martin Heidegger*, Bourdieu defende que o pensamento de Heidegger faz parte da chamada “Revolução conservadora na filosofia” e afirma algo que já havia sido

⁶ ERBER, Pedro Rabelo. *Política e Verdade no pensamento de Martin Heidegger* / Pedro Rabelo Erber. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo : Loyola, 2003. Páginas 17-26. ⁷ O curso foi

intitulado como *Introdução a Metafísica*.

especulado anteriormente: Os comentadores possuem um receio grande de associar uma figura importante com o nazismo, mais ainda em afirmar que a filosofia do alemão poderia ser um reflexo de sua posição política, que o fez aderir ao movimento. Há então uma proposta clara por ele em invés de separar as esferas política e filosófica do autor, começar a trabalhar as duas lado a lado, como parte de um todo. Porém, mesmo ao tentar trabalhar desta forma o autor também não consegue afirmar que Heidegger seria nazista e sim sua filosofia parte dessa onda de conservadorismo que invadiria a filosofia.⁸

Heidegger morre em 1976 tendo seu filho então novo responsável por suas obras. Em 1983, Herrmann Heidegger publica uma nova edição da *Auto Afirmação da universidade alemã*, juntamente com *O reinado 1933/34 fatos e pensamentos* – escrito por Heidegger em 1945 – que traria a argumentação do filósofo de suas motivações para aceitar o cargo de reitor da universidade e, portanto sua adesão ao nazismo. Mais tarde do mesmo ano Hugo Ott, historiador econômico alemão e biógrafo de Heidegger, começa a publicar seus estudos sobre o envolvimento político do filósofo no período em que esteve no cargo de reitor, que farão parte posteriormente de sua biografia *Martin Heidegger Unterwegs zu seiner Biographie*.

Porém é em 1987 na França que uma obra marcante para o debate do “Caso Heidegger” é lançada. O livro de Victor Farías, ex-aluno de Heidegger e atualmente professor na universidade Andrés Bello em Santiago do Chile, é uma das obras mais controversas e sensacionalistas escritas sobre o assunto. O *Heidegger et le nazisme* traz como defesa que Heidegger muito além de somente ter aceitado o cargo como reitor, foi nazista por toda sua vida. Chocaram-se mais ainda essas informações do livro, pois no campo intelectual francês ainda não eram conhecidas algumas informações sobre o a relação de Heidegger ao nazismo que já haviam sido percebidas na Alemanha com a publicação de Hugo Ott e porque como já dito até então havia uma resistência em buscar se aprofundar nessa relação.

Após esta publicação polêmica uma série de trabalhos começou a surgir sobre o pensamento político de Heidegger, com grandes quantidades de comentadores e de diferentes questões levantadas no fim da década de 1980. Tendo sido publicados mais obras do filósofo alemão em 1987 que eram até então desconhecidas pelos comentadores do debate, os pontos de vista e argumentações puderam se tornar mais abrangentes, e o “caso Heidegger” começou então a ultrapassar o limite França-Alemanha e se tornar uma

⁸ BOURDIEU, Pierre. *Ontologia política de Martin Heidegger*. (tradução: Lucy Moreira César). Campinas: Papyrus. 1989. Pág. 118.

discussão internacional. Na América do Norte, na década de 1990, a polêmica

começa a trazer novos debates. Autores como Richard Wolin, Julian Young, James Ward, Tom Rockmore, John Caputo, Michael Zimmerman e Hans Sluga são alguns dos comentadores que se pronunciariam sobre.

Outro grande nome desse debate vem do filósofo francês Jacques Derrida (1930-2004), um dos maiores comentadores de Heidegger; Suas críticas ao pensamento do alemão são fundamentais para quem decide estudar o assunto. Suas críticas vão além do próprio Heidegger e sim trazem críticas a toda Metafísica ocidental e como o nazismo foi algo que não surgiu do nada, e sim de um contexto político onde foi possível seu nascimento. Este sim teria influenciado não só na filosofia, mas na história do pensamento.

Sem dúvidas um capítulo dentre toda essa trajetória deve se ter destaque. Heidegger, quando ainda professor se envolveu romanticamente com uma aluna, tendo sua relação sendo duradoura e influente na história do pensamento de ambos. Hannah Arendt (1906-1975) foi filósofa política alemã, de origem judia. Os dois se conheceram em 1924, em Marburg, Alemanha. Não é de grande surpresa o motivo da relação tão polêmica, um filósofo que gerou tanta controvérsia com seu envolvimento com o nazismo mantendo uma relação não somente romântica, mas intelectual com uma judia que dedicou sua vida a estudar e se aprofundar nos estudos sobre regimes totalitários. Em 2000 é lançado pela editora Relumê-Dumará o livro *Hannah Arendt - Martin Heidegger: Correspondência 1925-1975*, traduzido por Marco Antonio Casanova, onde há uma compilação de cartas entre os dois, contendo correspondência entre os dois comentando o episódio. Nela Heidegger rejeita todas as acusações e tenta mostrar a amante alguns motivos pelos quais ela não deveria acreditar nem menos deixar afetar a relação dos dois⁹.

O debate chega então ao Brasil já com a publicação de *Heidegger réu* em 1990 por Zeljko Loparic que foi colega de universidade de Farías e atribuiu ao choque em ler sua obra à necessidade de escrever sobre. Emmanuel Carneiro Leão, que chegou a estudar em Freiburg, também tenta se pronunciar sobre a polêmica e publica um artigo em 1991, no segundo volume de *Aprendendo a pensar*.

O já comentado aqui, Karl Lowith, religioso e vindo de família Judaica, também terá outro ponto a destacar em sua publicação *Mein Leben in Deutschland vor und nach 1933*, tendo o fragmento importante a nós neste momento sido traduzido para o inglês por Richard Wolin como *My last meeting with Heidegger in Rome, 1936*. A publicação contará sobre uma viagem realizada por Lowith e sua esposa, Heidegger, sua esposa e seus dois filhos, que ainda eram pequenos, para Tusculum e Frascati. Nele, o aluno do filósofo descreve como durante toda sua estadia em Roma, Heidegger teria utilizado em sua lapela

⁹ Carta do inverno de 1932/33 escrita por Heidegger à Hannah Arendt.

uma insígnia do Partido Nacional Socialista, o que causou desconforto a Lowith

dada sua própria trajetória pessoal. Durante a viagem o autor buscou confrontar Heidegger a adentrar-se no debate sobre seu envolvimento com as ideologias do partido, e ao falar especificamente sobre a filosofia dele em relação ao seu envolvimento, afirmou:

“Heidegger concordou comigo sem ressalvas, completando que seu conceito de ‘Historicidade’ seria a base de seu ‘engajamento’ político. Ele também não deixou dúvidas sobre sua crença em Hitler. Ele só teria subestimado duas coisas: A vitalidade das igrejas Cristãs e os obstáculos para a anexação da Austria. Ele estava convencido agora como antes que o Nacional Socialismo era o caminho certo para a Alemanha; Só precisava ‘aguentar’ tempo suficiente.”¹⁰ (LOWITH, 1933, pg. 115. Tradução nossa)

Na amplitude geral podemos perceber que embora houvessem já acusações de que tanto sua participação quanto sua filosofia fariam parte de uma firmação do Antissemitismo de Heidegger, a tendência do debate viria a afastar Heidegger da ideologia Nazista, buscando formas de “desculpar” a participação do mesmo no partido Nacional Socialista. Porém em 2014 com a publicação de escritos de Heidegger, até então não lidos, pertencentes a monumental edição das obras completas de Heidegger, conhecidos como “cadernos negros”, onde o autor anotava seus pensamentos, viria para mudar a linha do debate.

PROBLEMAS DE SUCESSÃO

Na Alemanha, antes de sua enfim publicação destes documentos, a querela do “Caso Heidegger” se alimentou de uma guerra de sucessão, nomeadamente entre a *Heidegger Gesellschaft*, criada em 1985 e que possui como presidente do conselho de curadores o neto de Heidegger, Arnulf Heidegger, e o novo *Institut Martin Heidegger* de Wuppertal, fundado em 2012 por Peter Trawny. Mais do que uma guerra de sucessão o problema está nessa possível mudança de perspectiva; a disputa pelo direito das notas do autor está entre um grupo que nega a ideologia de Heidegger atrelada à ideologia nazista e um grupo que defende não somente a relação das duas como afirma que o filósofo foi sim antissemita.

¹⁰“Heidegger agreed with me without reservation, and added that his concept of "historicity" was the basis of his political "engagement." He also left no doubt about his belief in Hitler. He had underestimated only two things: the vitality of the Christian churches and the obstacles to the Anschluss with Austria. He was convinced now as before that National Socialism was the right course for Germany; one only had to "hold out" long enough.”

Guardados no Arquivo Alemão de Literatura em Marbach, ninguém poderia lê-los até então. O filho não biológico de Heidegger, Hermann, que ficou incumbido de cuidar por suas obras, manteve silêncio sobre os conteúdos das obras.

Estes escritos que foram publicados contêm a minuciosa transcrição de 14 cadernos pretos intitulados “Reflexões” que datam do período compreendido entre 1931-1948. O então responsável alemão pela edição das notas pessoais de Heidegger, Peter Trawny, filósofo alemão e professor da Universidade de Wuppertal, defende que Heidegger tornou claro, nessas mesmas notas, quer a sua pertença ao partido Nacional-Socialista quer o seu antissemitismo. O próprio Trawny após supervisionar as edições lançou a obra *Heidegger und der Mythos der jüdischen Weltverschwörung*, que foi traduzida para o francês como *Heidegger et l'antisémitisme. Sur les "Cahiers noirs"* e para o português como *Heidegger e o Mito da Conspiração Judaica Mundial*, onde trará suas análises sobre os cadernos negros e sua defesa de que Heidegger embora não tenha adotado a filosofia antissemita dos nazistas, incorporou-a em uma filosofia do ser.

O frenesi pela publicação dos “Cadernos Negros” e agora novas fontes documentais para as discussões trouxeram uma série de congressos e posicionamentos ao redor do campo internacional. Autores como Lilian Alweiss, Vincent Block, Francesca Brencio, Alexandre de Oliveira Ferreira, Emmanuel Faye, Edgar Lyra e Pablo Veraza Tonda são alguns dos nomes que já se pronunciaram nos últimos quatro anos.

No Brasil, ainda em 2014, foi realizado o XIX Colóquio Heidegger na Unifesp, que convidou para um debate Trawny e outros especialistas na obra do filósofo, para debater o tema. O professor da PUC-Rio Edgar Lyra, professor Éder Soares Santos da Universidade estadual de Londrina, Róbson Ramos dos Reis, Alexandre de Oliveira Ferreira e Marco Casanova, um dos principais tradutores do filósofo no Brasil, foram alguns dos nomes chamados a se apresentar.

Com essa febre de acontecimentos e pronunciamentos há de se indagar, estaríamos vivendo um novo capítulo do “caso Heidegger”? Este seria advindo de uma nova perspectiva causada pelos cadernos negros? Qual a contribuição no cenário americano para o debate?

Justificando o projeto, é inegável a importância de Heidegger à história do pensamento do século XX e junto a isso a relevância do debate polêmico que o envolve. Buscando fazer uma História intelectual do autor, há uma preocupação clara com o tema, que cada vez se torna mais evidente nos debates acadêmicos. Há também um interesse pessoal em de alguma forma se manifestar na discussão que envolve o autor por ter tido contato regular com as leituras sobre Heidegger durante a graduação, acreditando que se aprofundar

no tema poderia trazer contribuições no cenário Brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALWEISS, L. *Heidegger's Black Notebooks*. *Philosophy*, 90(2), 305-316. doi:10.1017/S0031819114000631, 2015.
- ARENDT, Hannah: *As origens do totalitarismo*, trad. Roberto Raposo. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *Ontologia política de Martin Heidegger*. (tradução: Lucy Moreira César). Campinas: Papirus. 1989.
- BLOCK, Vincent. *Ernst Jünger's Philosophy of Technology: Heidegger and the Poetics of the Anthropocene*. New York: Routledge, 2017.
- BRENCIO, Francesca. *Martin Heidegger and the thinking of evil: from the original ethics to the Black Notebooks*. IVS FVGIT, v. 16, n. 3484, págs. 87-134, 2016. Disponível em: <https://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/35/58/_ebook.pdf#page=89>. Acesso em: 5 de agosto, 2018.
- CASANOVA, Marco Antonio. *Compreender Heidegger*. Petrópolis: Vozes, 2009. (Série Compreender)
- DE OLIVEIRA FERREIRA, Alexandre . *História do ser e totalitarismo. O que nos faz pensar*, [S.l.], v. 24, n. 36, p. 75-88, mar. 2015. ISSN 0104-6675. Disponível em: <<http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqfnfp/article/view/439>>. Acesso em: 7 aug. 2018.
- DELACAMPAGNE, Christian. *História da filosofia no século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- DUARTE, André. *O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- ERBER, Pedro Rabelo. *Política e Verdade no pensamento de Martin Heidegger* / Tedro Rabelo Erber. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo : Loyola, 2003.
- FAYE, Emmanuel. *Heidegger: The Introduction of Nazism into Philosophy in Light of the Unpublished Seminars of 1933–1935*, Smith, Michael B. (tr.): Yale UP, 2009.

FREDE, Dorothea. *Heideggers Tragödie: Bemerkungen zur Bedeutung seiner Philosophie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1999.

GILBERT, F. *Intellectual History : Its Aims and Methods*. Daedalus, Boston, v. 100, n. 1, p. 80-97, Winter, 1971.

GOEBBELS, Joseph: *Diário 1942/43*, trad. Enéias Marzano. Rio de Janeiro, Editôra A Noite, s/d.

HEIDEGGER, Martin. *A superação da metafísica*. In: HEIDEGGER. *Ensaio e Conferências*. Trad.: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Identität und Differenz* (GA 11). Editado por Friedrich Wilhelm von Herrmann. Frankfurt a/M.: Vittorio Klostermann, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *O que quer dizer pensar?*. In.: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. 5º ed. – Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. (Coleção Pensamento Humano).

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, Partes I e II. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

HINCHMAN, L. and HINCHMAN, S. *Hannah Arendt: Critical Essays*. State University of New York, 1994.

HINCHMAN, L. and HINCHMAN, S. *Heidegger's Shadow: Hannah Arendt's Phenomenological Humanism*. *Review of Politics* v. 46, n.2, 1984.

INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Tradução por Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LOSURDO, Domenico: *"Heidegger's black notebooks aren't that surprising"*, tradução para o inglês por David Broder. *The Guardian* de 19/03/2014, disponível em

<http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/mar/19/heideggergerman-philosopher-black-books-not-surprising-nazi>

LYRA, Edgar. *Sobre a recepção dos Cadernos Negros de Heidegger*. *O que nos faz pensar*, [S.l.], v. 24, n. 36, p. 53-74, mar. 2015. ISSN 0104-6675. Disponível em: <http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqfnfp/article/view/438>. Acesso em: 2 de agosto, 2018.

LOWITH, Karl. *My last meeting with Heidegger in Rome, 1936*. Traduzido por: Richard Wolin. New York: New German Critique, No. 45, Special Issue on Bloch and Heidegger, pp.115-11, 1988.

OTT, H. Martin Heidegger. *Unterwegs zu seiner Biographie*. New York: Campus; Frankfurt: Verlag, 1988.

POCOCK, J. *Conceitos e discursos : uma diferença cultural?* Comentário sobre o paper de Melvin Richter. In : JASMIN, M. G. & FERES JÚNIOR, J. (orgs.). *História dos conceitos : debates e perspectivas*. Rio de Janeiro : Loyola, 2006.

RENTSCH, T. *Martin Heidegger: Das Sein und der Tod*. Eine kritische Einführung. Münche-Zürich: Piper Verlag, 1989.

SAFRANSKI, Ruediger. *Heidegger- Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

SKINNER, Quentin. *Meaning and Understanding in the History of Ideas*. In: *History and Theory* 8 (1). Middletown: Wesleyan University, 1969

SKINNER, Quentin. *Visões da Política: sobre os métodos históricos*. Miraflores: DIFEL, 2005

VERAZA TONDA, Pablo. *El pensar del Ereignis de Heidegger como otra fenomenología. Método e inicio del camino*. Franciscanum, v. lviii, n.165, p. 89- 116, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/frcn/v58n165/v58n165a04.pdf>. Acesso em: 5 de agosto, 2018.

VILLA, Dana. *Arendt and Heidegger: The Fate of the Political*. Princeton: Princeton University Press, 1996.

VILLANI, Antonio. *Heidegger und das "Problem" des Rechts*. In: KAUFMANN, A. (ed.). *Die ontologische Begründung des Rechts*. Darmstadt: WBG, 1965.

TRAWNY, Peter. *Heidegger und der Mythos der jüdischen Weltverschwörung*. Frankfurt a. M.: Klostermann, 2014.

TRAWNY, Peter. *Nachwort des Herausgebers (pp. 529-536)*. In *M. Heidegger, Überlegungen II-IV – Schwarze Hefte (1931-1938)*. Gesamtausgabe Band 94. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2014.